



## 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Movimentos Sociais e Serviço Social.

### “JÁ NÃO SOMOS OS MESMOS”: REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA NA OCUPAÇÃO FIDEL CASTRO EM UBERLÂNDIA

Daniela de Carvalho Ciriaco<sup>1</sup>

**Resumo:** Na sociabilidade do capital a alienação é marca predominante. Tendo em vista a necessidade de superação dessa alienação para construção de outra realidade possível, livre de toda exploração, desigualdade e preconceito, abordaremos reflexões acerca de como a participação em uma ocupação urbana contribui para o processo de formação de uma consciência crítica da realidade, do mundo e de si mesmo.

**Palavras-chave:** Luta; Participação; Ocupação; Formação da consciência.

**Abstract:** In the sociability of capital, alienation is the dominant brand. Given the need to overcome this alienation to construct another possible reality, free from all exploitation, inequality and prejudice, we will reflect on how participation in an urban occupation contributes to the process of forming a critical awareness of reality, world and of oneself.

**Keywords:** Fight; Participation; Occupation; Awareness Formation.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta alguns extratos da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGSS/UFJF), que teve por objetivo analisar como a participação na ocupação Fidel Castro, na cidade de Uberlândia – MG, do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto – MTST, contribuiu para o processo de formação de uma consciência crítica e reflexiva da realidade.

Buscamos compreender qual era a visão dos sujeitos antes e após o ingresso no movimento, identificando assim, as possíveis transformações na percepção e análise acerca da realidade, do mundo e de si mesmo. Para construção deste estudo, optamos por uma base teórico-metodológica que busca a compreensão da totalidade das relações, o materialismo histórico e dialético.

Desta forma, esta é uma pesquisa qualitativa que visa a compreensão da percepção dos sujeitos inseridos em um território específico que é a ocupação do MTST. Para atingir os objetivos propostos neste trabalho, iniciamos um levantamento de estudos referentes ao

---

<sup>1</sup> Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: carvalho.danielaphn@gmail.com.

MTST, bem como de autores e produções relacionados à temática da formação da consciência articulada ao processo de produção e reprodução do sistema do capital.

Com a realização da pesquisa de campo procuramos verificar no cotidiano dos sujeitos, como acontece esse processo de formação da consciência crítica. Para tanto, utilizamos um estudo de caso da ocupação Fidel Castro.

Os resultados finais deste estudo nos possibilitaram compreender que a participação em uma ocupação do MTST contribuiu para o processo de formação de uma consciência crítica dos sujeitos, principalmente no que se refere à dimensão e noção de direitos e da necessidade de organização e luta para sua defesa. É certo que esta discussão não pode ser esgotada. Pelo contrário, o caminho trilhado para o desenvolvimento da pesquisa trouxe novas indagações e questionamentos que carecem de investigação.

## **2 CAPITALISMO E ALIENAÇÃO**

De acordo com Antunes, estamos vivenciando desde a década de 1990 um processo de intensificação da implementação de elementos que reproduzem a reestruturação produtiva no Brasil e que configuram as mudanças no padrão de acumulação que se flexibiliza (HARVEY, 2014).

Este processo provocou diversas mudanças no mundo do trabalho. Flexibilização, terceirização, informalização, subcontratação e desemprego foram e continuam sendo algumas medidas que impactam diretamente nas condições de vida da classe trabalhadora.

Os impactos não se restringem à dimensão material e objetiva, alcançando a subjetividade e a forma de ser da classe trabalhadora (ANTUNES, 2009). Como afirma Mattos (2007, p. 27), “fragmentação, portanto, não apenas no nível objetivo das relações de trabalho, mas também no plano da consciência de classe”.

As diferentes formas de inserção no mundo do trabalho, decorrentes dos processos acima mencionados combinados com o desemprego, a flexibilização dos direitos trabalhistas e a focalização das políticas públicas provocam entre os trabalhadores a concorrência. Essa concorrência pelos postos de emprego, essa diferenciação nas formas de inserção, a disputa pelo acesso às políticas sociais focalizadas não permitem que os trabalhadores se percebam como sujeitos de uma mesma classe (ANTUNES, 2009).

Esses impactos na consciência se intensificaram com o desenvolvimento do capitalismo. No entanto, é válido salientar, que a própria estrutura deste modo de produção, em que o trabalho, ao invés de possibilitar a realização plena do indivíduo, enquanto

“inteiramente homem” (LUKÁCS, 1974), separa o trabalhador do produto produzido por seu trabalho, configurando assim, um trabalho alienado.

Essa configuração assumida pelo trabalho na sociedade capitalista constitui a base para a alienação. De acordo com Netto (1981, p. 74) a alienação é um “processo pelo qual os sujeitos se desapossam de si e da sua atividade criadora na medida em que não conseguem captar as mediações sociais que os vinculam à vida social em seu conjunto e dinamismo”.

O processo de alienação não se reduz ao campo da produção propriamente, mas se estende aos diversos aspectos da vida. Exatamente, porque a vida não é a soma de elementos fragmentados, mas a combinação, a articulação de diversos elementos que estão em constante movimento, constituindo assim, uma totalidade. Por isso, quando o trabalhador produz uma mercadoria, ele não só a produz, como também produz cultura, uma forma de vida, a linguagem, a ciência, a sociedade (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2011).

A produção e reprodução da vida, da cultura, das relações sociais no capitalismo é impregnada por uma visão restrita e fragmentada da realidade, que é fundamental para a perpetuação desse sistema. Essa percepção, não permite compreender a totalidade da vida social e suas mediações.

Se a capacidade de compreensão fica limitada pela própria estrutura do capital, as possibilidades de ação e intervenção na realidade também se restringem. Como nos diz Lefebvre (1991, p. 40) “A alienação social transforma a consciência criadora numa consciência passiva e infeliz”. Entretanto, essa transformação não é definitiva, pois a consciência é um processo em constante movimento, que pode tanto caminhar em direção a uma consciência crítica, como a uma consciência alienada, ela não segue um desenvolvimento evolutivo, mas sim, dialético.

De acordo com Iasi (2011), a alienação é a primeira forma de manifestação da consciência. E, essa consciência é a representação da inserção imediata dos indivíduos na sociedade. No processo de formação da consciência, outros dois momentos podem ser sinalizados: a consciência em si, que se caracteriza pela luta por direitos e necessidades mais imediatas e a consciência para si, que é o reconhecimento enquanto classe na luta pela construção de um projeto societário que supere todas as formas de desigualdade, exclusão e opressão.

É considerando a necessidade da construção desse outro projeto societário e reconhecendo a importância de uma compreensão que vá além dos limites impostos pelo capital que, buscamos com a realização deste estudo, compreender como este processo de formação de uma consciência crítica e reflexiva é possível a partir da organização coletiva.

## 2.1 Formação da consciência

Marx afirma na obra *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, que “os homens fazem sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram” (2011, p. 25). Com base nesse trecho, é possível afirmar que as condições em que os homens constroem a sua história não são por eles determinadas, ao contrário, são por eles somente absorvidas e assimiladas. Isto se dá, porque as bases sobre as quais os homens constroem a sua história não se configura apenas enquanto base material, não é somente o modo de produção que é transmitido, mas todo um arcabouço ideológico que com ele é condizente e possibilita a sua reprodução.

Deste modo, o sistema capitalista constitui uma forma própria de ver e pensar o mundo. Forma esta que se impõe e se espalha de modo a tornar-se a visão universal. Uma forma de pensar dominante que se impõe e predomina. Neste sentido, “as ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal (ideológica) das relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação [...]” (MARX; ENGELS, 2008, p. 47).

Esta dominação que se dá no plano material é representada também na dimensão subjetiva, espiritual. Ou seja, na consciência. Este domínio é possível porque além de serem detentores dos meios de produção, as classes dominantes controlam também os meios de comunicação, os sistemas de informação e disseminação do conhecimento.

Assim, a visão que se tem do mundo, da vida é uma visão burguesa, uma visão enviesada da realidade, como mencionamos uma consciência que se apresenta, de imediato, como alienação. No entanto, a alienação não é uma coisa, estática a que se está destinado a viver eternamente. Pelo contrário, a alienação, assim como a consciência é um processo que está em constante (trans) formação.

De acordo com Marx e Engels (2008, p. 44) a consciência é “antes de tudo, a mera consciência do meio sensível *mais imediato* e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas”. Assim, a consciência se apresenta neste primeiro momento como a representação do meio em que os indivíduos estão inseridos, bem como das relações que nele estabelecem, se configurando assim, como a conformação do indivíduo à ordem societária vigente. Isto, porque a consciência que a pessoa herda ao nascer é determinada historicamente e assimiladas como naturais, assim, “o indivíduo interioriza essas relações,

as transforma em normas, estando pronto para reproduzi-las em outras relações através da associação” (IASI, 2011, p. 17).

Deste modo, se as condições materiais, se a realidade concreta já está determinada pelo desenvolvimento das forças produtivas, a forma de perceber e pensar essa realidade não. Isto é o que nos diz Thompson (1987, p. 10):

A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe.

Se a consciência de classe não está determinada, significa que a mesma pode transpor a alienação que é própria do imediato e construir um olhar crítico acerca da realidade. Isto, porque além da alienação, a consciência em si e a consciência para si também são momentos não evolutivos que possibilitam uma visão ampla e crítica da realidade e dos processos nela vivenciados.

A consciência em si é capaz de tecer críticas imediatas a partir da vivência, de se organizar em sindicatos, de se identificar com as pautas dos outros trabalhadores, mas não consegue compreender a dinâmica e a lógica do modo de produção capitalista. A consciência para si é aquela capaz de desvelar as contradições em sua totalidade e de criar formas de resistência organização e enfrentamento que vislumbrem a construção de uma nova sociedade porque se reconhecem como sujeitos capazes de construir a sua própria história.

Isto não quer dizer que a consciência obrigatoriamente deixará de ser alienada, em seguida, se tornará uma consciência em si e posteriormente e finalmente se tornará uma consciência para si. Pelo contrário, como Iasi sinaliza, a consciência é um movimento constante e, esses três momentos significativos de seu processo de formação se desenvolvem de forma dialética.

Este processo de formação da consciência está completamente vinculado ao próprio movimento da classe, do seu reconhecimento enquanto classe e de sua atuação diante desse reconhecer. Uma classe em si já é capaz de perceber-se como conjunto e não mais como indivíduo isolado. Este passo é fundamental para identificarem os seus pares, aqueles que possuem as condições de vida semelhantes e também aqueles que são distintos, constituindo assim a possibilidade de se tornarem uma classe para si.

É nesta direção que é possível afirmar que a consciência não se restringe a ser consciência apenas de cada indivíduo, mas pode ser também a consciência de um grupo, de um conjunto de pessoas e de uma classe. A consciência de uma classe emerge

exatamente da constituição, do seu processo de ser classe, das experiências materiais e concretas vivenciadas em cada momento histórico. Assim, esse movimento próprio de ser da classe trabalhadora se configura por ser “ora amoldada à ordem do capital, ora em luta por seus interesses imediatos, ou, em circunstâncias especiais, se conformando como uma classe que aponta para além da ordem do capital” (IASI, 2011, p. 7).

Este processo de passagem, de mudança na formação da consciência acontece por meio das contradições existentes entre a própria realidade e todos os valores, normas e comportamentos herdados historicamente. Como nos diz Iasi (2011, p. 27-28) este movimento se caracteriza pela “dissonância entre as relações interiorizadas como ideologia e a forma concreta como se efetivam na realidade em mudança [...] as relações atuais passam a não corresponder ao valor interiorizado, mas antes de fazer saltar, toda a concepção é vivida como um conflito subjetivo”.

A realidade material concreta confronta o conjunto de normas e valores herdados e determinados historicamente, de modo que essa contradição entre a realidade e as representações provoca, inicialmente, um conflito, uma inquietude que posteriormente pode se converter em ação, mobilização, superando assim, a alienação. Neste sentido, Iasi (2011, p. 28) exemplifica: “Alguém, por exemplo, que acreditasse que trabalhando conseguiria tudo o que se quer, mas passa a viver uma situação na qual, apesar de trabalhar muito, não consegue o mínimo para viver, vivencia uma contradição que pode levá-lo à revolta”.

Neste sentido, é possível afirmar que a construção da luta coletiva pode conferir às relações sociais um novo patamar, de modo que as contradições não são mais encaradas somente no âmbito particular, subjetivo e individual, mas são compreendidas como questões mais gerais de um grupo. Questões estas que além de serem identificadas requerem a luta, a ação, a mobilização para serem alteradas. É deste modo que se constitui a formação de uma consciência em si.

É na ação, na luta que essa classe em si vai se formando e tornando uma classe para si. Quando a classe vai compreendendo que a reivindicação está dentro dos limites impostos pelo capital e vai se apropriando da lógica de funcionamento deste sistema e de, como ele é responsável pelas condições de vida da classe trabalhadora e por todas as contradições que decorrem da contradição capital trabalho. É com base na compreensão dessa totalidade da realidade que a sua transformação se torna possível. A transformação tanto da própria realidade como de si mesmo.

Este momento se configura como o terceiro momento da consciência. A consciência para si, que possui o conhecimento da estrutura do sistema e o reconhecimento da classe enquanto sujeito capaz de transformar essa realidade. Assim, é necessário à classe

Conceber-se não apenas como um grupo particular com interesses próprios dentro da ordem capitalista, mas também se colocar diante da tarefa histórica da superação dessa ordem. A verdadeira consciência de classe é fruto dessa dupla negação: num primeiro momento, o proletariado nega o capitalismo assumindo sua posição de classe, para depois negar-se a si próprio enquanto classe, assumindo a luta de toda a sociedade por sua emancipação contra o capital (IASI, 2011, p. 32).

Acerca desse processo de elevação da consciência Gramsci apresenta contribuições relevantes, já que o autor insere essa discussão da consciência de classe em um quadro mais amplo da luta política (MATTOS, 2007). De acordo com a análise de Gramsci (2000) o processo de formação da consciência se caracteriza por ser um movimento de autoconsciência que se torna possível por meio da organização já que, “uma massa humana não se “distingue” e não se torna independente “para si” sem organizar-se” (2004, p. 104).

Nesse movimento da autoconsciência, os momentos de passagem de uma consciência econômica-corporativa à sindicalista e desta à ética-política é denominado por Gramsci de *catarse*<sup>2</sup>. A *catarse* constitui assim, uma determinação essencial da práxis política.

## 2.2 Ocupação urbana e formação da consciência

Dia 25 de novembro de 2016, sexta-feira. Depois de uma semana intensa de trabalho para alguns e, de uma busca incessante por emprego para outros, em meio à realização de diversas tarefas domésticas, a organização da rotina das crianças, as atividades necessárias à sobrevivência e todas as particularidades de cada contexto familiar, o momento destinado ao lazer é substituído pela luta. Cerca de 200 famílias ocupam o terreno às margens da BR-050.

São histórias distintas, realidades específicas, mas há algo em comum entre essas diversas famílias: a busca pela moradia. Jovens, mulheres, idosos e crianças rompem a cerca do terreno e, começam a destruir também os muros que os separavam da luta por seus direitos. O mato é roçado, as ruas são abertas, as lonas e madeiras vão tomando forma e os barracos são erguidos, a cozinha comunitária é montada, as tarefas são divididas e o número de famílias vai crescendo significativamente.

Assim como cresce o número de famílias, cresce e fortalece também a construção da luta. Vínculos vão sendo criados, a convivência com os outros, a experiência com o diferente, com o novo vai alargando os horizontes. É assim que se constitui a ocupação

---

<sup>2</sup> De acordo com Coutinho (2011) o termo *catarse* foi retirado por Gramsci da filosofia aristotélica e utilizado para definir este momento de passagem de uma visão particularista à universal, da consciência em si à consciência para si.

Fidel Castro. O nome da ocupação faz referência a um grande líder da Revolução Cubana que faleceu exatamente no dia que a ocupação teve início.

Grande parte das famílias vivencia pela primeira vez a experiência de uma ocupação. Não por escolha, como relata diversos sujeitos, mas pela necessidade. O valor excessivo dos aluguéis, o desemprego e a precariedade das condições de reprodução da vida são os fatores principais que determinaram a participação na ocupação, de acordo com os moradores da ocupação.

Neste sentido, é possível afirmar que estar na ocupação não é uma escolha, mas sim, possivelmente o resultado da ausência das possibilidades de escolha. No entanto, hoje, após um ano de luta, as famílias olham para todo processo vivenciado e recordam com satisfação tudo que foi construído.

A gente não tem saudade de usar a vela pra iluminar de noite, nem dos baldes de água contados, nem do frio, nem da chuva que a gente acordava tudo molhado, mas a gente sente saudade de algo que a gente nunca tinha vivido. Tudo que era de um era de todo mundo. As pessoas chegavam e parecia que a gente já era amigo há muito tempo. Era uma união, uma força, de saber que a gente tava na luta, mas não tava sozinho, parecia que a gente podia tudo (KADU, 2018, informação verbal).

Como podemos ver no relato do sujeito que afirma: “parecia que a gente podia tudo” e como apontado por Iasi (2012) o processo de união, de coletividade possibilita uma experiência que “o ser social subsumido pela forma individualizante se vê como parte de uma coletividade que lhe dá identidade e no interior da qual experimenta uma força que fora dela desconhecia” (p. 261).

Além da importância do grupo na vivência desta experiência, esta fala sinaliza algumas características deste momento inicial da ocupação que possibilitam a construção de outra dinâmica da vida social, de outros valores, de outras relações. A própria realidade, a experiência, ainda que inicial, de uma luta coletiva vai construindo uma nova percepção acerca da realidade.

Esta nova forma de ver e perceber a realidade e o mundo é construída no cotidiano da luta. Assim, cada momento, cada processo - a divisão e limpeza dos lotes, a organização da estrutura física, a constituição da coordenação - traz novos elementos que problematizam as relações, os posicionamentos e as visões dominantes.

Nesta direção os moradores relatam os desafios vivenciados ao longo de aproximadamente 1 ano e meio de ocupação e como o enfrentamento desses desafios contribuiu para o desenvolvimento pessoal e intelectual.

O terreno, sem cumprir sua função social há anos, tem uma extensão de 16 hectares e está localizado às margens da BR – 050, próximo ao Parque do Sabiá, uma região bastante valorizada no município.



A área que era coberta pelo mato, hoje, é o lugar que abriga cerca de 700 famílias. A logística da ocupação se estrutura em três ruas: Zumbi dos Palmares, Che Guevara e Nelson Mandela.

Na estrutura do terreno, além da divisão dos lotes destinados à moradia, tem uma área reservada para a construção de um Centre de Referência de Assistência Social - CRAS, de um posto de saúde, de uma praça, uma quadra de esportes para as crianças e jovens e um salão de reuniões e assembleias.

No que se refere à estrutura física da ocupação, os moradores construíram e organizaram uma estrutura de canos que garantem o abastecimento de água, o que já se apresenta como uma conquista, visto que no início da ocupação não havia água suficiente e disponível em todos os lotes. A fiação e construção da rede de energia elétrica também foram feitas pelos próprios moradores e atende as necessidades básicas de cada família.

Segundo os moradores, os maiores desafios enfrentados neste momento na ocupação é o acesso à saúde, à educação e ao transporte. Os postos de saúde têm se recusado a realizar os atendimentos das famílias da ocupação porque elas não possuem comprovante de endereço. Algumas famílias que possuem parentes ou amigos que residem na cidade utilizam o comprovante de endereço delas, mas essa não é a realidade de todas.

De acordo com Iasi (2012) no processo de formação de uma consciência crítica, os grupos desempenham um papel fundamental, visto que é por meio desses que é possível ir além da aparência e da alienação.

Para identificar como esse processo de formação da consciência acontece no cotidiano de uma ocupação, buscamos conhecer um pouco da percepção e da realidade dessas famílias antes do ingresso no movimento, buscando identificar as possíveis transformações ao longo do período de participação na ocupação.

No entanto, é válido ressaltar que não partimos de uma compreensão evolutiva da consciência. Ou seja, não é possível afirmar que a percepção e visão dos indivíduos antes da participação no movimento era alienada e que após a participação essa visão alienada foi superada constituindo assim uma consciência crítica e reflexiva da realidade. Isto porque a consciência não se caracteriza como etapas a serem atingidas, mas sim como um processo em constante movimento, que por vezes avança e retrocede (IASI, 2012).

### **3 CONCLUSÃO**

Identificamos que a principal contribuição do movimento se concentra na esfera do reconhecimento dos direitos humanos e sociais. O antes e depois da visão dos sujeitos mostraram que a partir do ingresso no movimento a moradia, a saúde, a educação passaram a ser compreendidos como direitos que devem ser garantidos.

Também teve destaque nos relatos o reconhecimento da importância da luta para a garantia desses direitos. E a compreensão de si mesmo como sujeito fundamental para a construção das lutas. Foi possível identificar exatamente este momento de passagem de uma posição passiva, de aceitação, de expectador a um posicionamento crítico, ativo e de autor, de sujeito da própria história.

Das contribuições possibilitadas pelo movimento também é possível sinalizar uma melhor compreensão da realidade e da sociedade capitalista. Se antes de fazerem parte da ocupação tinham uma visão negativa destas ocupações, de manifestações e atos com a participação puderam construir uma nova percepção desses processos.

De acordo com os relatos e com a pesquisa acerca do movimento, é possível afirmar essas contribuições ao processo de formação da consciência estão atreladas à própria forma como o MTST está organizado.

Por exemplo, essa compreensão mais crítica da realidade e o conhecimento da atual conjuntura política do país decorrem exatamente do posicionamento de enfrentamento e resistência assumido pelo movimento frente à conjuntura de ameaça aos direitos humanos e sociais.

No que se refere ao combate às opressões, constatamos que a discussão no interior da ocupação apresenta limitações. Apesar de ter o grupo de mulheres para esse processo de fortalecimento, a discussão ainda é restrita ao grupo, a questão da violência contra a mulher, as questões de gênero não são debatidas em momentos de discussão coletiva.

A questão do racismo também não é abordada em nenhum momento de debate, de reunião ou construção coletiva. O que se revelou como um limite no processo de formação da consciência crítica.

De modo geral foi possível verificar que o MTST não possui uma proposta elaborada e implementada de formação política, assim, como já sinalizamos, as transformações possibilitadas pelo movimento estão relacionadas à forma como o movimento se organiza e se posiciona, às suas estratégias de luta, que acabam por ser, em si mesmas formativas e educativas.

No processo investigativo também percebemos, o quanto, de fato, a consciência é um constante movimento que ora avança, ora retrocede. Por exemplo, sujeitos que tem uma visão crítica acerca da moradia, dos direitos, por vezes apresenta um discurso machista, racista e homofóbico. Outros sujeitos que tinham uma visão no primeiro momento da

pesquisa na última etapa já conseguiam estabelecer algumas críticas e fazer conexões com a estrutura da sociedade e da mídia.

A participação na ocupação do MTST possibilita e favorece o processo de uma formação de uma consciência crítica e reflexiva, mas apresenta também alguns limites já sinalizados.

Nesta direção é possível afirmar que a contribuição do MTST no processo de formação da consciência se concentra no campo da consciência em si. Ou seja, os sujeitos reconhecem a importância da organização coletiva, conseguem se organizar e lutar pela defesa de direitos, mas não conseguem desvelar em sua totalidade as contradições do sistema capitalista e se organizar para construção de outro projeto societário.

Assim, a atuação nessa esfera de uma consciência em si, configura o que Marx (2008) denomina de emancipação política. Os sujeitos da ocupação não são inteiramente livres, porque a sua luta ainda é uma luta por direitos dentro da sociedade do capital, é uma luta contida. No entanto, isto não diminui a importância dessa luta que se configura como um passo no processo de luta pela construção de uma sociedade livre de todas as formas de exploração, desigualdade e opressão.

É na certeza de ter mais perguntas que respostas que concluímos, neste momento, este trabalho. E, acerca deste processo de investigação, como relatado pelos sujeitos, foi fundamental, pois o ato de poder contar a própria história e da ocupação provoca uma reflexão de todo o percurso construído e fortalece para a continuidade da luta. Assim, como nos diz Thompson (1992, p. 43) acerca deste processo “O que se requer é uma história que leve à ação; não para confirmar, mas para mudar o mundo”.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre ideias e formas. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. (Caderno 13), vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2014.

IASI, Mauro. **As metamorfoses da consciência de classe**. O PT entre a negação e o consentimento. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

IASI, Mauro Luis. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**: estudos de dialética marxista. Lisboa: Escorpião, 1974.

MARX, K; ENGELS, Georg. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Classes sociais e Luta de Classes**: a atualidade de um debate conceitual. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/158/183>>. Acesso em: 6 out. 2017.

MONTAÑO, Carlos. DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Estado, Classe e Movimento Social**. 3 ed. São Paulo, Cortez, 2011.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo e Reificação**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.